

Ensaio sobre conceitos para projetos de Parque, Praça ou Território de Preservação Ambiental

Cada parque, praça ou território tem uma identidade própria, assim como as comunidades que os envolvem. Cada parque tem suas peculiaridades. Sendo assim, não pretendo criar diretrizes que se apliquem a todos eles.

Existem grupos, coletivos ou comunidades que se mobilizam, se organizam e se interessam em cuidar de uma determinada área, seja ela de proteção ambiental ou não. Esta iniciativa popular é de suma importância e deve ser levada em consideração para que o projeto seja bem sucedido.

Estamos acostumados a ver o poder público limpar um córrego e poucos dias depois lixo é novamente jogado no córrego. Se a própria população vizinha ao córrego se sentir responsável pela limpeza do córrego, este cenário mudará. Principalmente se ela sentir que aquele espaço lhe pertence, não como propriedade privada, mas como quem é protagonista da sua preservação, aparência e uso. Por exemplo, se ela pode esticar uma rede, se ela decide onde colocar um banco, se ele escolhe quais plantas colocar e onde, se ela pode acender uma fogueirinha nas noites de lua cheia. Este será um espaço público cuidado por aqueles que dele desfrutam.

Após um domingo ou feriado, sacos e sacos de lixo são retirados dos parques. Mas se, em lugar de visitantes, as pessoas se sentirem responsáveis pela limpeza e preservação, se sentirem donas daquele parque, este cenário mudará.

Nos parques conhecidos sempre vemos uma área reservada às crianças com balança, escorregador, gangorra e outros brinquedos infantis colocados sobre gramados, areia ou mato ralo. Por que não permitir que as crianças abracem e subam nas árvores, experimentem os galhos, se balancem em cipós, brinquem de pular obstáculos, corram e se escondam atrás das moitas, uma ou outra corda colocada como balanço ou trapézio, joguem bolinha de gude em buracos rasos abertos na terra, escorreguem pelo chão em cima de improvisados carrinhos de papelão, brinquem com as folhas secas, vejam as borboletas, as aranhas, sapos e passarinhos, entrando em simbiose com a flora, a fauna e a terra?

Quando se pretende preservar os valores naturais (flora, fauna e história) de uma área ou território, é necessário chegar devagar, permitir que as sementes adormecidas no solo, se manifestem. No Parque da Fonte do Peabiru a medida que retiramos as braquiárias, capim gordura e leucenas, o cerrado original foi aparecendo (alecrim do campo, capim sapé, capim colchão, azedinhas e tantas outras). Esta ação tem muita importância: o cerrado, com suas raízes profundas, uma floresta invertida, preserva a água dos nossos aquíferos subterrâneos; o cerrado atrai muitos pássaros e borboletas; o cerrado tem flores lindíssimas; o cerrado é o bioma original dos Campos de Piratininga que hoje não mais se vê; muitas espécies de cerrado estão em extinção!

Mesmo que sejam espécies invasoras que devem ser retiradas, devemos retirá-las gradativamente, para não criar grandes impactos à fauna que vive ali. No Parque da Fonte do Peabiru existia (e ainda existe) um bosque de leucenas. Começamos a retirá-las quando percebemos que muitos macaquinhos ocupavam seus galhos. Interrompemos nossa ação e demos continuidade na semana seguinte.

A vegetação que é retirada deve ser utilizada no próprio território, ou para adubar a terra ou utilizando os troncos e galhos maiores, na confecção de pontes, cercas, bancos, mesas, etc

Quando adentramos o Parque da Fonte do Peabiru depois de muitos anos sem entrar, os córregos estavam assoreados. Ao procurar encontrar e limpar o caminho da água, cuidadosamente, com

enxadas. encontramos caranguejo. E descobrimos a existência de um outro bioma: o pântano ou brejo. Ainda não sabemos muito bem como preservá-lo mas sabemos que todos os muitos terrenos alagadiços que existiam à margens dos rios Pinheiros e Pirajussara, não existem mais. Nossos amigos do coletivo “Rios e Ruas” que tanto investigam as águas de São Paulo, disseram que nunca encontraram caranguejo no perímetro urbano. Precisamos preservá-lo. E descobri-lo nos fez entender que o projeto de um parque no qual se pretende preservar a natureza, deve ser feito gradativamente, como um caminho que se constrói caminhando.

Descobrimos ainda que existem espécies vegetais utilizadas na medicina indígena que a cada dia estão mais difíceis de serem encontradas – mais um motivo para retirar “o mato” cuidadosamente e sob orientação de um pajé ou cacique.

No Parque da Fonte do Peabiru existe ainda o bioma floresta ou Mata Atlântica. Hoje já sabemos que devemos ter áreas de transição entre o bosque e o cerrado, entre o bosque e o brejo.

E temos a história. O Peabiru, caminhos criados pelos guaranis, sempre foi muito trafegado e trilhado pelas mais diferentes etnias. Sempre foi um caminho aberto, um caminho de passagem que ali era um ponto para beber água, renovar as energias, descansar, celebrar e encontrar outros viajantes. Um local que sempre foi compartilhado por todos. Então nosso projeto se estende para além da área física: as pessoas que se encontrem no parque devem ser respeitadas e saber respeitar, precisam saber dialogar, se comunicar; devem cuidar da limpeza e da preservação para os outros que vão chegar e porque sabem que um dia a este lugar vão voltar. (porque quem viaja sabe que num dia vai e noutro volta).

Por ser muito trilhado por seres-humanos, consta nos livros que no Peabiru encontramos muitas árvores frutíferas utilizadas como alimento. No Parque da Fonte do Peabiru encontramos muitas frutíferas (pitangueiras, jaqueiras, bananeiras, mangueiras...) muitas delas não nativas (das citadas, só a pitangueira é nativa). Embora não nativas, não pretendemos retirá-las do território mas apenas controlar o número delas. Então temos tirado mudas de mangueiras antes que se torne muito difícil arrancá-las. Temos feito o plantio de novas mudas deixando alguns troncos de leucenas (sem folhas) para manter o espaço mais fresco e ligeiramente sombrio. À medida que as novas mudas crescem, estes troncos de leucenas serão retirados.

Outra ação que me pareceu muito importante foi termos tratado o esgoto que era jogado diretamente no córrego da Fonte: recolhemos o esgoto de 5 casas, cerca de 12 famílias, 25 pessoas, e o tratamos localmente construindo um Tanque de EvapoTanspiração.

Não somos um grupo grande, temos muitas dificuldades a transpor. Alguém resolveu levar cavalos e deixá-los lá. Um dos cavalos, doente, debaixo do sol quente, afundou na lama do charco e quase morreu ali. Foi com muita dificuldade, com a ajuda dos bombeiros, que conseguimos removê-lo de lá. Mas ainda existe outro cavalo que solto na área, destrói o que construímos. Gostaríamos de contar com a parceria das instituições de governo mas ainda não conseguimos este diálogo. Felizmente temos parceiros na sociedade civil que nos dão muita força mas que também têm suas próprias lutas a resolver. Todos vão fazendo o que é possível, numa época de muitas dificuldades.

